



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Azevedo, Ricardo  
Marinheiro Rasgado / Ricardo Azevedo ;  
(ilustrações do autor). – São Paulo : Formato  
Editorial, 2010.

ISBN 978-85-7208-688-2

1. Literatura infantojuvenil I. Título.

---

10-07777

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
1. Literatura infantojuvenil 028.5

# Marinheiro Rasgado

*Copyright* © Ricardo Azevedo, 2010

Gerente editorial: **Rogério Carlos Gastaldo de Oliveira**

Editora-assistente: **Andreia Pereira**

Auxiliar de serviços editoriais: **Rute de Brito e Mari Tatiana Kumagai**

Revisão: **Pedro Cunha Jr. e Lilian Semenichin (coords.)**

Produtor gráfico: **Rogério Strelciuc**

Projeto gráfico de capa e miolo: **Ricardo Azevedo**

Diagramação: **Ro Comunicação**

Direitos reservados à SARAIVA Educação S.A.

Av. das Nações Unidas, 7.221 — Pinheiros

05425-902 — São Paulo — SP

[www.coletivoleitor.com.br](http://www.coletivoleitor.com.br)

[atendimento@aticascipione.com.br](mailto:atendimento@aticascipione.com.br)

Tel: (11) 4003-3061

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra  
sem o consentimento por escrito da editora.

1ª edição  
8ª tiragem, 2019

CL: 810986  
CAE: 576990

Ricardo Azevedo

Texto e Ilustrações

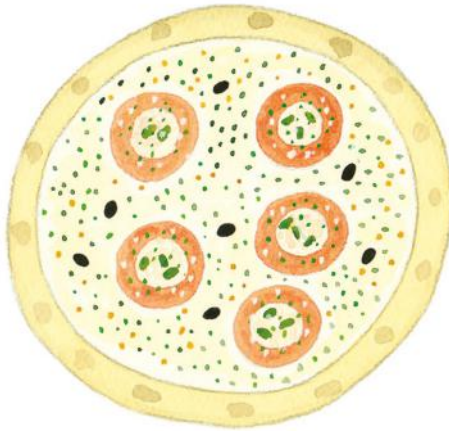


# *Marinheiro Rasgado*



**Formato**





O homem apareceu um dia na praça, mas foi como se já fizesse parte da paisagem desde sempre.

Estava lá quando amanheceu, compenetrado e pensativo, andando devagar com as mãos cruzadas nas costas. Trouxe um saco de pano grosso, cheio até a boca; duas latas velhas de biscoito e uma caixa de sapatos amarrada com um laço de fita cor-de-rosa. Ajeitou tudo, com cuidado, num canto debaixo de um banco de cimento e pronto. De mudança feita, partiu pela praça mergulhando os olhos brilhantes em todos os lugares.

Era uma figura, aliás, até um pouco bonita.

Magro, nem moço, nem velho, tinha as barbas grisalhas e longas, contrastando com a pele queimada pelo sol. Usava um paletó cinzento e largo, feito, sem dúvida, para um corpo maior e bem mais forte. Vestia uma calça de brim remendada e desbotada, com uma

perna mais curta que a outra. Num pé, calçava um tênis azul puído. No outro, sandália de dedo. Enterrada na cabeça, uma espécie de meia de jogador de futebol servia como chapéu e ainda ajudava a esconder a vasta cabeleira.

Enquanto as pessoas corriam pela praça com pastas de couro debaixo do braço, carregando pacotes e encomendas, preocupadas com compromissos importantes e inadiáveis, horas marcadas e mil missões para cumprir, o homem assobiava debaixo do céu imitando o sopro gostoso do vento. As pessoas aflitas atravessavam as ruas sem esperar o sinal fechar. De cócoras, o mendigo examinava atentamente coisas inúteis. Por exemplo, uma formiga carregando uma folha no chão. Por exemplo, a diferença entre o asfalto da rua e o cimento da calçada. Por exemplo, uma flor brotando entre os paralelepípedos. Costumava também deitar-se na beira da calçada para espiar a escuridão insondável e misteriosa dos bueiros.

Quando encontrava um pedaço de pizza esquecido na calçada, o sujeito pegava com cuidado, como se fosse uma joia preciosa, cheirava com os olhos fechados e comia mastigando devagar.

Automóveis, ônibus, caminhões, viaturas da polícia, ambulâncias e motocicletas circulavam em torno da praça brecando e buzinando, mas o homem, vagaroso, conversava sozinho, pensava, sorria e balançava a cabeça trocando ideias consigo mesmo.

E lá ia ele com aquela meia enterrada na cabeça, arrastando uma lata de cerveja vazia amarrada na borda do paletó, sempre seguido por um animal de pelo amarelo arrepiado, que talvez fosse um cachorro.

Fora isso, o maltrapilho era especialista em catar as coisas pelo caminho: tampinhas de garrafa, pedaços de pão, latas vazias, arames retorcidos, restos de sanduíche, rolhas, papéis, sacos de batatinhas fritas com restinho no fundo, plásticos, pregos, frutas e verduras caídas da barraca de feira, parafusos, fios elétricos, comidas variadas jogadas fora, folhas e pedras, entre outras quinquilharias.

Nem bem chegou e logo passou a usar o chafariz do centro da praça como banheira para tomar banho. Fazia isso, de vez em quando, mais ou menos três vezes por semana. Vagaroso, tirava a meia da cabeça, afundava o corpo no laguinho e ficava olhando as nuvens do céu. De repente, sumia debaixo d'água para conversar com os peixes. Mais tarde, penteava cabeleira e barba olhando num espelhinho quebrado que trazia sempre no bolso de dentro do paletó.

Às vezes, após o banho, catava um toco de cigarro do chão, subia num tronco de árvore, cruzava as pernas e ficava pensando na vida ou escrevendo num caderninho amarrotado. Escrevia e espiava a noite chegar para apagar o dia e tomar conta de tudo.

